

## ■ Análise de variantes linguísticas não padrão em produção textual escolar

ALEXANDRE MELO DE OLIVEIRA

Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas

*Resumo:* Este trabalho pretende dar uma pequena contribuição no sentido de como a Teoria da Variação Linguística pode auxiliar o ensino da língua materna, mais precisamente, o ensino da variante padrão da língua portuguesa. Partindo dos pressupostos variacionistas labovianos e das noções de “ortografia lexical” e “ortografia gramatical” de Moura (2002), faremos uma breve análise das variantes não padrão em textos escritos escolares com o fito de levantar as dificuldades dos alunos na aquisição da escrita e de subsidiar, em seguida, a prática pedagógica de ensino da língua padrão.

*Palavras-chave:* teoria da variação linguística – variantes lingüísticas – ensino da língua padrão

*Abstract:* This paper, in its small contribution, aims to show how the Theory of Language Variation can be an aid to the teaching of the mother tongue and, more precisely, to the teaching of standard Portuguese language. For this purpose, we will carry out a brief analysis of non-standard variants in school written texts with the aim of detecting students' difficulties in acquiring writing competence and of subsidizing the pedagogical practice in the standard language teaching. As for theoretical support, we relied on Labovian variationist assumptions and the notions of “lexical spelling” and “grammatical spelling” by Moura (2002).

*Keywords:* theory of linguistic variation – linguistic variants – teaching of standard language



## Introdução

Entre as múltiplas funções da escola, uma delas é a de capacitar o aluno para que ele possa dominar a língua padrão para o exercício pleno da cidadania. Isso deve ser feito sem menosprezar a variante do aluno, fazendo ver ao aluno que existem várias variantes na língua, todas legítimas, e que a padrão é apenas uma delas, embora revestida de prestígio.

Com efeito, Magda Soares (1986, p.78) nos diz que um ensino comprometido reconhece

o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas *a dominá-lo*, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, *mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contras as desigualdades sociais*.<sup>1</sup> (grifo nosso).

<sup>1</sup> Veja-se também a esse respeito: ANTUNES (2000, p. 95-96)

Ensinar a língua padrão e não discriminar as outras variedades da língua do aluno é dever do professor do idioma materno, cuja missão, segundo Bechara (1993, p. 14), “*é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua*, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação...” (grifo nosso).

Também Bagno (2003, p. 130) defende essa ideia, valendo-se de um símile:

Uma das principais tarefas do professor é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas...

Para que possamos trabalhar com a língua-padrão na modalidade escrita, convém, antes, fazermos um levantamento para averiguar quais são as dificuldades que o aluno tem na aquisição da língua escrita. Aqui vêm em nosso auxílio os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Lingüística e as categorias de “ortografia lexical” e “ortografia gramatical” de Moura (2002). Com esse instrumental, procederemos a um inventário e a uma sucinta análise das ocorrências dos desvios da língua padrão e classificá-los-emos no intuito de verificar a natureza desses fenômenos, sua frequência e sua correlação com alguns fatores sociolinguísticos (sexo, idade, escolaridade).

### 1. A Teoria da Variação Linguística

No ano de 1968, William Labov publica juntamente com Uriel Weinreich e Marvin Herzog o artigo “Empirical Foundation for a Theory of Language Change”, que, segundo Denilda Moura<sup>2</sup>, contribuiu para a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, dando um novo rumo às pesquisas linguísticas. Para esses autores, a “variação é inerente ao sistema lingüístico” e a “heterogeneidade é condição intrínseca às línguas”. Antes, na Lingüística Estruturalista, a língua era considerada homogênea e sua variação não era levada em conta no seu sistema.

Agora, a variação passou a ser vista como algo próprio do sistema linguístico. Em todas as línguas, temos o fenômeno da variação. Daí não se poder sustentar a ideia de homogeneidade linguística. Eis porque um dos corolários da abordagem dos referidos linguistas (2006, p. 36) “é que, numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e. real), a ausência de heterogeneidade é que seria disfuncional.”

Numa comunidade de fala (que é aquela que apresenta o mesmo uso linguístico), a variação linguística aparece como uma forma concorrente, de valor semântico similar, mas regida por fatores

<sup>2</sup> Apostila da Disciplina: Teoria da Variação Linguística, da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL. (Inédita).

linguísticos e extralinguísticos, ou seja, da esfera social, humana.

Assim, uma variante linguística é caracterizada como uma maneira diferente de dizer a mesma coisa num dado contexto. Um exemplo no português brasileiro: o substantivo tio pode ser proferido como [tiw] ou [tʃiw]. As duas formas de realização do fonema /t/ não acarretam mudança semântica: são, portanto, variantes linguísticas regidas, no caso, por fatores principalmente sociogeográficos (a realização de /t/ como [tiw] em grande parte do Nordeste e como [tʃiw] no Sudeste, por exemplo). Mas essas formas não são neutras. A variante [tʃiw] goza de prestígio por advir de regiões economicamente mais desenvolvidas e a variante [tiw] é estigmatizada pela associação de sua realização às pessoas que a proferem.

Numa língua é natural que haja formas variantes coexistentes. Pode suceder, por exemplo, que uma dessas possa estar suplantando a(s) outra(s). Então, estamos diante de um processo de mudança linguística. Sobre esse aspecto, Moura (2002, p.15) nos diz que para Labov

o processo de mudança linguística se desenvolve em três etapas: a) inicialmente, a mudança se reduz a uma variação, dentre várias outras, no discurso de algumas pessoas; b) em seguida, essa mudança se propaga e é adotada por tantos falantes que ela passa a se opor às demais formas concorrentes; c) finalmente, ela se estabiliza atingindo a regularidade através da eliminação das formas concorrentes.

Cumpramos lembrar que, segundo Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 126), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.”

## 2. As categorias “ortografia lexical” e “ortografia gramatical”

Os fenômenos de variação e mudança linguística se dão tanto na modalidade falada da língua como na sua modalidade escrita. Mas há uma questão em especial que é privativa da modalidade escrita: a ortografia. Como, no corpus por nós escolhido, nos debruçaremos sobre as variantes não padrão da modalidade escrita da língua, forçoso nos é tecer algumas considerações sobre a questão ortográfica.

Aqui seguiremos a lição de Denilda Moura (2002, p. 17), que distingue entre a ortografia lexical e a gramatical.

Em geral, os textos publicados são quase todos em um português que respeita as prescrições da ortografia lexical (no nível da palavra), que se ocupa da escrita das palavras, ou das normas que regem a escrita das palavras, e, no nível da frase ou do enunciado, nós temos a ortografia gramatical, que se ocupa das relações gramaticais que são estabelecidas na estrutura sintático-semântica dos enunciados.

Desvios da ortografia lexical são, por exemplo, “sobi” por “sobe”, que se dá no nível da palavra, do léxico. Já os da ortografia gramatical são “transgressões” sintático-semânticas da norma padrão. Por exemplo: “os dente” por “os dentes”. Sabemos que a ortografia é uma convenção e é passível a reformas, como a atual reforma ortográfica, mas deve ser levada em consideração, pois ela é importante na aquisição da modalidade escrita da língua.

Os “erros” ou desvios do sistema ortográfico podem nos dar pistas sobre muitos fenômenos linguísticos: variantes linguísticas, ideoletos, mudanças linguísticas em curso, etc. Também nos indicam, e isso pode ter implicações no ensino, o(s) estágio(s) por que está passando o aluno em rumo à aquisição proficiente da escrita.

### 3. Considerações metodológicas

Vejam, agora, os procedimentos metodológicos que adotamos para a coleta e a análise linguística do nosso corpus. Partimos do princípio de que para uma boa ação pedagógica juntos aos alunos, devemos saber primeiro o que eles já dominam, de seu conhecimento de mundo, para, em seguida, atuarmos no ensino do que eles ainda desconhecem. Como nos ensina Irandé Antunes (2003, p. 123):

O aprendizado sistemático da língua terá mais proveito se o professor partir *daquilo que o aluno não sabe ainda*. Essas necessidades são detectadas quando se confronta o que já sabe com aquilo que ele ainda precisa aprender, a fim de se comunicar adequadamente. (grifo da autora)

Para tal, analisamos oito produções textuais de quatro alunos e de quatro alunas da 6ª série do Ensino Fundamental, numa escola pública do bairro do Vergel, Maceió. Quanto à faixa etária, sete estão na de adolescentes e jovens e uma na de adultos. Essa assimetria é intencional, pois pretendemos verificar se, nesse corpus, o fator idade influirá ou não e em que medida.

Produção escrita consistiu numa tarefa na qual o aluno deveria continuar, de forma pessoal e livre, algumas seqüências de palavras (frases inacabadas) de modo a formar enunciados completos e gramaticais. Ao todo, eram quinze. A idéia partiu de uma atividade sugerida pelo livro Cem aulas sem tédio: língua portuguesa (2000, p. 54-56), que reproduzimos abaixo:

#### NOS CONTE SOBRE VOCÊ

1. As pessoas geralmente acham que eu...
2. Os meus pais esperam que eu...
3. Quando eu era pequeno...
4. Eu morro de medo de...

5. A primeira coisa que eu faço depois que eu acordo...
6. Eu odeio...
7. Eu adoro...
8. É uma pena que eu não saiba...
9. Daqui a uns 20 anos...
10. A melhor coisa sobre mim é...
11. Eu nunca...
12. Se eu pudesse morar em outro lugar...
13. Um bom aluno é alguém que...
14. A pior coisa sobre mim...
15. Um bom professor é aquele que...

Um detalhe interessante dessa atividade é que, já no enunciado, há o fenômeno do pronome proclítico, iniciando uma frase imperativa. Variante essa corriqueira na modalidade oral do português brasileiro, mas que ainda encontra resistência na sua aceitação na Gramática Normativa. Isso, creio eu, foi intencional por parte dos seus elaboradores, para dar um tom mais informal, quebrando o “gelo”, fazendo com que o aluno se sinta à vontade para falar de si mesmo.

Também essa atividade é, segundo seus autores (FALCETTA et al, 2000, p. 54), “ótima para ser usada como primeira atividade escrita do ano, porque dá ao professor uma idéia bastante confiável do perfil de cada aluno.” Assim, o professor terá não só um perfil linguístico, mas também um perfil mais amplo da pessoa do aluno, o que facilitará bastante a atuação do professor como educador também.

Apresentamos, agora, a identificação dos alunos com os seguintes fatores sociolinguísticos (sexo, idade, escolaridade):

A1: masculino, 15 anos, 6ª F

A2: masculino, 17 anos, 6ª F

A3: masculino, 17 anos, 6ª F

A4: masculino, 19 anos, 6ª F

A5: feminino, 15 anos, 6ª F

A6: feminino, 16 anos, 6ª F

A7: feminino, 17 anos, 6ª F

A8: feminino, 34 anos, 6ª F

A tarefa foi realizada em uma aula. Primeiro, explicamos aos alunos de que se tratava e os motivamos a responder de forma livre e espontânea. O importante é que o aluno se sinta bem à vontade, pois, assim, ele registrará suas informações pessoais e linguísticas naturalmente.

#### **4. Análise dos dados e comentários à guisa de conclusão:**

Feita a coleta das atividades, que constituem nosso corpus, procedemos à identificação, à classificação e à tabulação das variantes não padrão, conforme os critérios da ortografia lexical e da ortografia gramatical de Moura (2002). Abaixo reproduzimos a relação das variantes não padrão da ortografia lexical e gramatical encontradas no corpus, tabuladas nos três quadros abaixo. Na primeira tabela, apresentamos todas as variantes não padrão encontradas nas produções textuais em causa. Já na segunda e na terceira tabelas, apresentamos uma análise estatística em termos numéricos e percentuais das ocorrências encontradas para o confronto e análise linguísticos.

Tabela 1 - Variantes não padrão encontradas nas produções textuais em questão

Informante	Variante-desvio da ortografia lexical	Variante-desvio da ortografia gramatical
A1	2) que eu estudi [= estude] 6) onibus [= ônibus] 7) volo [= vôlei] 8) dizer a deus [= adeus] 9) eu você [= vou ser] muito feliz 10) familia [= família] 11) eu nunca voce [= vou ser] rebelde	
A2	2) que eu fosi muler [= fosse mulher] 3) brirgar [= brigar] 6) bagunsas [= bagunças] 8) nei sei dança [= nem sei dançar] 10) educador [= educado] 11) eu nunca vou roba [= roubar] 14) atrapalhador [= atrapalhado] 15) encina [= ensina]	5) escova os dente [= escovar os dentes]
A3	3) eu gostava de brinca [= brincar] 4) asombrassão [= assombração] 5) escova [= escovar] os dentes 6) uma coisa que eu nao [= não]gosto 9) eu já vo ta [= vou estar] coroa 10) meu carate [= caráter] 11) eu nunca vo deixa de estuda [= vou deixar de estudar] 12) ia se [= ser] bom 13) sobi [= sobe] na vida 15) issina [= ensina] bem	2) que eu termine os estudo [= estudos]
A4	5) escova [= escovar] os dentes 7) minha mães [= mãe] 8) toca [= tocar] violão 9) quero esta [= estar] com meus filhos 12) eu morraria em são paulo [= moraria em São Paulo] 15) imsina [= ensina] bem seus alunos	
A5	3) gostava de pula [= pular] corda 5) é escova [= escovar] os dentes 8) tecla [= teclar] computador 9) vou está [= estar] formada 10) intelingente [= inteligente] 11) eu nunca vou dexistir [= desistir] dos meus sonhos 13) sientereça [= se interessa] a cumpri [= cumprir] com seu dever 15) sidedica [= se dedica] a seu trabalho	2) que eu mim [= me] forme
A6	6) Carater [= caráter] 9) psicologa [= psicóloga] 8) Enquinorante [= ignorante] 10) obrigações [= obrigações]	
A7	8) toca [= tocar] violão 11) eu nunca trabalhaei [= trabalhei] 15) da [= dá] assistência	
A8	4) Sapu [= sapo] 5) escova [= escovar] os dentes 7) cinceridade [= sinceridade] 8) perdoa [= perdoar] 10) Vive [=viver] a vida 15) resposavel [= responsável]	

Tabela 2 - Estatística das ocorrências encontradas entre informantes masculinos

Informantes do sexo masculino	Tipo de variantes	Quantidade de ocorrências	Percentagem em relação ao total de ocorrências (57)
A1	ortografia lexical	7	
A2	ortografia lexical ortografia gramatical (escova os dente)	8 1	
A3	ortografia lexical ortografia gramatical (que eu termine os estudo)	10 1	
A4	ortografia lexical	6	
Total		33	57,89 %

Tabela 2 - Estatística das ocorrências encontradas entre informantes femininos

Informantes do sexo feminino	Tipo de variantes	Quantidade de ocorrências	Percentagem em relação ao total de ocorrências (57)
A5	ortografia lexical ortografia gramatical (que eu mim forme)	8 1	
A6	ortografia lexical	4	
A7	ortografia lexical	3	
A8	ortografia lexical	6	
Total		24	42,10 %

Como podemos ver nas tabelas 2 e 3, houve ocorrência maior de variantes não padrão entre os alunos do sexo masculino, 33 dum total de 57, correspondendo a 57,89 %, contra 24 das alunas, num percentual de 42,10%. Entrevistei os 8 alunos e descobri que as meninas leem mais que os meninos, pois elas gostam de ler revistas (principalmente direcionadas ao público feminino), romances, etc., enquanto os rapazes se interessam mais por atividades esportivas. Daí uma possível razão para a discrepância dos resultados. Também pesquisadores já observaram que as mulheres são mais cuidadosas com a língua.

Os dados mostram que não há diferença significativa no fator idade entre a informante mais velha (A8) e as mais jovens (A5, A6 e A7). Naquela houve 6 ocorrências, e nas 3 outras, 18. O que significa que a informante A8 produzir  $\frac{1}{4}$  das ocorrências, enquanto as informantes A5, A6 e A7,  $\frac{3}{4}$ , mostrando um equilíbrio.

Quanto ao tipo de variantes não padrão, predominou as de ortografia lexical sobre as de gramática (54 sobre 3). Dessas 54, 24 são de apagamento do /r/ final de palavras, isso se deve ao fato de que, no português coloquial do Brasil, geralmente não se pronuncia esta consoante. Marroquim (1996, p.30) que estudou, no início do século XX, a língua de Alagoas e Pernambuco, já atestava esse fenômeno quando chega a dizer que “... mesmo na linguagem descuidada e familiar da gente culta, quando a palavra está no meio da frase e o termo seguinte começa por consoante, não se pronuncia, a não ser excepcionalmente, o r final”. O fenômeno do apagamento do /r/ final de palavras é já generalizado por quase todo o Brasil. É o que nos atesta também Castilho (1992, p. 245), ao elencar a “supressão de -r final de sílaba: falá, comê”, como uma das características fonéticas do Português brasileiro.

Outras ocorrências se explicam pelo fato de o falante, ao escrever, tender a passar para escrita a forma falada a que está acostumado. Como na fonética há grande variação, é natural que isso se espelhe na escrita daqueles que ainda não dominam as convenções e normas do sistema escrito.

Este trabalho é aspirou a ser um ensaio de como o professor pode aplicar os Fundamentos da Sociolinguística para radiografar as variantes linguísticas de seus alunos, a fim de que, a partir dos dados e de sua análise, possa atuar de forma mais coerente e científica, inclusive, na escolha do procedimento didático para que o aluno possa dominar a língua padrão e, assim, exercer sua cidadania, sem que esse se esqueça de suas variantes linguísticas, de todo legítimas.

## Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo, Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é e como se faz*. 47 ed. São Paulo, Loyola, 2006.

BECHARA, Evanildo. *Ensino de gramática. Opressão? Liberdade?* 7 ed. São Paulo, Ática, 1993.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. "O português do Brasil." In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo, Ática, 1992.

FALCETTA, Antônio Paim. et al. *Cem aulas sem tédio: língua portuguesa*. Santa Cruz, Ed. Instituto Padre Reus, 2000.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste* (Alagoas e Pernambuco). 3 ed. São Paulo, HD Livros, 1996.

MOURA, Denilda. Variação lingüística e ensino. In: MOURA, Denilda & MORAIS, Gizelda (orgs.) *Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo*. Maceió, EDUFAL/FAPEAL, 2002.

MOURA, Denilda. Apostila da Disciplina: Teoria da Variação Lingüística da Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL. (Inédito).

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo, Parábola, 2006.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1986.